

DOSSIÊ TEMÁTICO:

Fontes Documentais para a História da Educação

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

*Antonietta d'Aguiar Nunes**

Resumo: O trabalho começa ressaltando o grande desenvolvimento que a História da Educação tem tido no Brasil nos últimos 40 anos, em razão, sobretudo, das pesquisas originadas em cursos de pós-graduação em educação. Por esta razão, torna-se importante discutir a questão de Fontes para História da Educação. Relaciona alguns trabalhos que já o fizeram e passa a conceituar o que seja fonte, fonte histórica, segundo vários historiadores, e fala da sua classificação em primárias e secundárias. Passa então a tratar das fontes para a História da Educação, entendendo educação no sentido amplo e não apenas a instrução formalizada em instituições escolares. Relaciona especificamente as possíveis fontes documentais escolares. Em seguida, mostra como o pesquisador constrói suas próprias fontes, de acordo com o problema estudado, que podem, depois de encerrada sua pesquisa, ser custodiadas por alguma instituição que as ponha à disposição de outros pesquisadores. Conclui dizendo que o historiador da educação precisa também conscientizar administradores, professores, funcionários da educação para a importância de preservar e organizar a documentação referente a assuntos instrucionais, para que se possa no futuro dispor de fontes fidedignas para a História da Educação.

Palavras-chave: Fontes históricas. História da Educação. Fontes documentais escolares. Construção de fontes.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Historiógrafa do Arquivo Público da Bahia. E-mail: antoniettaan@terra.com.br.

Introdução

A História da Educação é um ramo da ciência histórica que muito tem se desenvolvido nos últimos 40 anos, sobretudo por interesse dos educadores que se formaram nos programas de pós-graduação em vários pontos do país.

Os historiadores originalmente não costumavam tomar a educação como um objeto específico de estudo, como se pode constatar em obras que, coletivamente, davam conta dos avanços em História: as mais antigas sobre metodologia da pesquisa histórica como a de Bauer – **Introducción al estudio de la Historia** (1957); de Samaran – **L'Histoire et ses méthodes** (1967); ou de Rodrigues – **Teoria da História do Brasil** (1978), e mesmo as obras mais recentes, que ampliam o campo de estudo da História, como a de Le Goff e Pierre Nora – **História: Novos Objetos** (1976); de Ciro F. Cardoso e Ronaldo Vainfas – **Domínios da História** (1997). Todas elas, ao mencionarem os vários ramos da História “esqueceram” da História da Educação.

Nas últimas três a quatro décadas, porém, desde o surgimento, em 1972, dos cursos de pós-graduação em educação, que se têm desenvolvido pesquisas nesta área: na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), desde 1984 se reúne anualmente o Grupo de Trabalho História da Educação onde são expostos os trabalhos recentes dos professores; em 1986, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), se organizou o Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), que realiza anualmente seminários, também, com apresentação de comunicações livres; na reunião da Anped em 1999, foi fundada a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) que, desde 2000, vem fazendo congressos bianuais (CBHE), com participação crescente de professores de História da Educação de todo o país.¹

¹ O primeiro Congresso aconteceu no Rio de Janeiro em 2000, seguido de Natal, Rio Grande do Norte, em 2002, e Curitiba, Paraná, em 2004, devendo o IV realizar-se em Goiânia, Goiás, de 5 a 8 de novembro de 2006.

Só mais recentemente a Associação Nacional de Professores Universitários de História (Anpuh) incluiu, entre seus grupos de trabalho, o de Ensino de História e Educação e, no seu XXIII Simpósio Nacional de História (SNH), realizado em julho de 2005 em Londrina, Paraná, foram incluídos dois Simpósios Temáticos referentes especificamente à História da Educação: História e Historiografia da Educação no Brasil: Desafios e Perspectivas de Pesquisa, coordenado por Thaís Nívia de Lima e Fonseca; e A Educação e a Formação da Sociedade Brasileira, coordenado por Wenceslau Gonçalves Neto e Carlos Henrique de Carvalho. Além destes, outros cinco seminários temáticos no XXIII SNH tinham relação com o tema: História e Ensino – Saberes e práticas; Ensino de História e Novas Tecnologias: Um Olhar Reflexivo; Ensinos de História: Balanço e Perspectivas; História da Família – Novas Perspectivas e Novos Desafios e A Criança na História do Brasil: Abordagens e Perspectivas.

Torna-se então importante fazer uma discussão sobre Fontes para a História da Educação, assunto que já vem preocupando os estudiosos em várias de suas reuniões, seminários, simpósios e congressos, existindo, inclusive, publicações sobre o tema, tais como: Faria Filho (1999, 2000, este último enfatizando as novas tecnologias); Tavares (2001, 2002); Lombardi e Nascimento (2004); Gondra (2005); Gatti Jr. e Inácio Filho (2005).

Muitos foram os artigos publicados sobre o assunto, genérica ou especificamente: Nunes (1992) sobre o valor histórico do documento; Sousa (1999) sobre textos literários como fontes alternativas; Giglio (2000) sobre impressos operários; Hébrard (2001) sobre cadernos escolares; Chartier (2002) sobre cadernos e fichários da escola primária; Peres (2002) sobre o silêncio das fontes, questões étnico-raciais; Wissenbach (2002) sobre cartas, procurações, escapulários, patuás; Galvão e Batista (2003) sobre manuais escolares; Silva (2003) sobre manuais pedagógicos; Becchi (2004) sobre biografias e autobiografias; Fernandes (2004) sobre registros da História; Hébrard (2004) sobre bibliotecas escolares; Hilsdorf e Vidal (2004) sobre o centro de Memória

da Educação da Universidade de São Paulo (USP); Vecchia (2004) sobre planos de estudo; Vilela et al. (2004) sobre periódicos; Viñao (2004) sobre relatos autobiográficos de professores; Buffa (2005) sobre plantas arquitetônicas de prédios escolares; Lopes (2005) sobre arquivos do Instituto de Educação; Lucca (2005) sobre periódicos; Nunes e Carvalho (2005) sobre fontes para a História da Educação, e Veiga (2005) sobre produção infantil na instrução elementar.

E existe mesmo um livro completo cujo tema específico são as Fontes Históricas: Pinsky (2005).

Conceituando termos

“Fonte”, segundo o **Grande Dicionário da Língua Portuguesa** de Moraes Silva (1949-1959, p. 271, v. 5), vem do latim *fonte* e significa nascente de água que irrompe perenemente no solo. Mas, como toda palavra polissêmica, tem outros significados: chafariz, bica por onde corre a água ou tudo que se lhe assemelha; causa, princípio de onde provêm efeitos tanto físicos como morais; o texto original de uma obra; ponto de onde alguma coisa dimana, ...

O **Vocabulário Jurídico** de Silva (1987, p. 311, v. 2) também afirma vir a palavra fonte do latim *fons* (nascente, manancial) e diz que, no sentido legal, “fonte”, considerada como nascente de água, não somente se refere às águas que surgem ou brotam naturalmente, como às que vêm à superfície trazidas pelo engenho humano (fonte captada, feita artificialmente; também chafariz). Mais adiante, no relativamente longo verbete tratando de fontes, ele menciona:

Fonte. Seguindo seu próprio sentido etimológico, *origem, procedência*, é empregado para indicar tudo de onde procede alguma coisa, onde ela se funda e tira razão de ser, ou todo fato que dá nascimento a outro. Com este sentido, o *texto original* diz-se fonte. E se diz *fonte* para o costume ou o uso que faz gerar a regra jurídica (SILVA, 1987, p. 311, v. 2).

O historiador alemão Ernst Bernheim (1937, p. 101), em seu clássico **Introdução ao Estudo da História**, quando fala da

metodologia da História tem todo um capítulo sobre Heurística (Conhecimento das Fontes). Nesta obra ele define:

Llamase *fuentes* al material de donde se derivan los conocimientos de nuestra ciência. Este material no es preferentemente, como sucede com casi todas las otras ciencias, el objeto directo e inmediato de nuestro conocimiento, ya que tal objeto son los hechos o actos humanos, los cuales tan solo en parte muy pequeña pueden ser presenciada por los coetaneos, debiendo conocer la mayor parte de los sucesos solo por las informaciones de los demás. Las informaciones y descripciones de lo pasado por médio de la narración oral o escrita o por la imagen, constituyen nuestra segunda fuente de conocimiento. Una tercera fuente son los restos de lo pasado, de los cuales deducimos los hechos que los han causado u creado Se vê, pues, que no solo son distintos los materiales, sino que también son muy distintas las maneras con que de ellos hemos de lograr nuestros conocimientos, o sea que son muy distintos los métodos con que debemos tratar las fuentes segun su peculiar condición, y por todo ello es de suma importância comprender bien el carácter de cada fuente.

E José Honório Rodrigues (1978, p. 234), no capítulo sobre Fontes Históricas da sua obra **Teoria da História do Brasil**, afirma que, embora o trabalho histórico se inicie

com a pesquisa dos meios de conhecimento que são as fontes, [...] apenas uma parte da pesquisa histórica se inicia e termina com o exame crítico das fontes. Seguem-se, então, os trabalhos de interpretação e de composição. Deste modo, o objeto da história não só é a caça e a descoberta do documento, que é unicamente um meio de conhecimento, mas a reconstituição histórica baseada em documentos autênticos e fidedignos. Aqui entra outro elemento, a crítica das fontes, que procura garantir que sejam autênticas (tenham sido realmente produzidas na época que se está estudando) e fidedignas (sejam seguras e dignas de confiança).

O historiador português Joaquim Veríssimo Serrão, em capítulo sobre Fontes Históricas (1968, p. 57-68), que tem como primeiro subtítulo “Do fato à fonte histórica”, se pergunta: Como se passou da

concepção tradicional de “documento” para o moderno sentido de “fontes históricas?”. Mostra, no item seguinte sobre a concepção tradicional de documentos, a divisão de fontes históricas conforme o valor dos documentos, feita desde a obra de Bernheim:

Haveria, assim a distinguir duas espécies de fontes: 1º os *Vestígios*, os traços deixados pelo homem, não com o fim expresso de fornecer aos vindouros quaisquer informes do passado, mas que ficaram esquecidos na marcha do tempo. A vida passou, deixando memória dela: colunas, achas, dentes, ossos, desenhos, moedas. Trata-se de valiosos dados de informação, sobretudo para a fase que antecedeu o aparecimento da escrita. 2º os *Testemunhos*, fontes que encerram notícias do passado e que foram erguidas para que as gerações futuras pudessem estudar a presença do homem no palco da História (SERRÃO, 1968, p. 59).

No capítulo intitulado “A História se faz com documentos”, Henri Marrou ([196-], p. 63) lembra, porém, que os documentos conservados não são sempre (a experiência sugere quase que se escreva: não são nunca) aqueles que nós gostaríamos que seria bom que fossem. Ou não os há, ou não chegam..., ou – por outro lado – são demasiados, como no caso da história contemporânea (p. 64), razão pela qual o historiador precisará se assenhorear dos documentos existentes e, para isto, deverá não somente saber colocar o problema como, ao mesmo tempo, elaborar melhor um programa prático de pesquisas que permita encontrar, fazer surgir os documentos mais numerosos, mais seguros, mais reveladores (MARROU, [196-], p. 65).

Mais adiante em sua obra, Serrão (1968) – falando da concepção moderna de documento, que a nova metodologia da ciência histórica compreende na sua mais larga acepção, isto é, como fontes históricas – cita os clássicos historiadores franceses: Henri Marrou, Charles Samaran e Lucien Febvre e suas definições de documento e fontes. Transcreve um trecho de Febvre mostrando como ele se opõe à concepção de uma história feita apenas com textos escritos, como a conceberam historiadores anteriores como Fustel de Coulanges, Benedetto Croce ou Louis Halphen,

L'histoire se fait avec des documents écrits, sans doute, quand il y en a. Mais elle peut se faire, elle doit se faire avec tout ce que l'ingéniosité de l'historien peu lui permettre d'utiliser pour fabriquer son miel, à défaut des fleurs usuelles. Donc, avec des mots. Des signes. Des paysages et des tuiles. Des formes de champ et de mauvaises herbes. Des éclipses de lune et des colliers d'attelage. Des expertises de pierres par des géologues et des analyses d'épees em metal par des chimistes. D'un mot, avec tout ce qui, étant à l'homme, dépend de l'homme, sert à l'homme, exprime l'homme, signifie la présence, l'activité, les goûts et les façons d'être de l'homme (FEBVRE, 1965, p. 428).²

Vemos aqui um conceito bem amplo do que seja fonte histórica: tudo o que possa nos dar algum tipo de informação sobre a atividade humana que estamos estudando. É mais largo ainda do que o foram vestígios e testemunhos. E mais, agora a responsabilidade passa para o historiador. É ele que, com sua engenhosidade, construirá suas fontes. Mesmo quando existem documentos escritos, e o historiador lança mão deles, o faz de forma própria, original.

Michel de Certeau (1982, p. 81), no seu também já clássico **A Escrita da História**, tratando do estabelecimento das fontes ou da redistribuição do espaço, afirma:

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto, proposto *a priori*. Ele forma a “coleção”. [...] Longe de aceitar os “dados”, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente.

² A história se faz com documentos escritos, sem dúvida. Quando os há. Mas ela pode se fazer, ela deve se fazer, sem documentos escritos, se eles não existem. Com tudo o que a engenhosidade do historiador possa lhe permitir utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores usuais. Então, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com as formas do campo e com as ervas daninhas. Com eclipses de lua e coleiras de atrelar cavalos. Com pareceres de peritos geólogos sobre pedras e análises de espadas de metal feita pelos químicos. Em uma palavra, com tudo o que, sendo do homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as formas de ser do homem.

As fontes podem ainda ser classificadas em **primárias**, ou originais, quando se acessa por primeira vez uma determinada informação ou quando se recorre a documentos originais e autênticos; e **secundárias**, ou de segunda mão, a que se tem acesso mediante outra obra, autor ou pessoa, como quando se faz a revisão de literatura sobre o assunto que se quer estudar e se apreendem várias informações que, até então, se desconheciam ou que são pouco divulgadas e conhecidas, mas que são corretas pelo procedimento científico do autor que as revelou. Em geral, os documentos custodiados em arquivos ou nas seções de manuscritos das bibliotecas são considerados fontes primárias, mas os que já estão publicados ou que são transcritos em obras de algum outro autor, escritor ou historiador, são considerados fontes secundárias.

Com base nestas definições é que procuraremos sugerir as fontes possíveis para a História da Educação.

Fontes para a História da Educação

Considerar-se-á aqui educação em seu sentido também amplo, não abrangendo apenas a instrução formalizada em instituições escolares, mas toda a socialização do indivíduo no meio socioeconômico-político em que ele vai viver e atuar, ou mesmo a sua preparação para as atividades de trabalho que deverá desempenhar.

Num sentido geral, podemos considerar educação como sendo:

L'éducation est l'ensemble des actions et des influences exercées volontairement par un être humain sur un autre être humain, en principe par un adulte sur un jeune, et orientée vers un but qui consiste en la formation dans l'être jeune des dispositions de toute espèce correspondant aux fins auxquelles, parvenu à maturité, il est destiné (HUBERT apud ÉTÈVÉ, 1998, p. 342).³

³ A Educação é o conjunto de ações e de influências exercidas voluntariamente por um ser humano sobre um outro ser humano, em princípio por um adulto sobre um jovem, e orientada para um fim que consiste na formação no ser jovem de disposições de várias espécies, correspondentes aos fins aos quais, advinda a maturidade, ele está destinado (HUBERT, apud ÉTÈVÉ, 1998, p.342).

Além disto, é preciso levar em conta que, em cada grupo social, existem formas diferentes de atuação dos seres humanos entre si, de modo que a cada tipo de sociedade corresponde um tipo de educação que lhe é peculiar.

Se adotamos o conceito mais amplo visto em Febvre, tudo pode servir de fonte para a História da Educação, desde que o historiador saiba o que quer pesquisar, estabeleça adequadamente o seu problema de estudo e exercite a sua imaginação cogitando tudo ou todas as coisas que poderiam direta ou indiretamente fornecer informações que o ajudem a esclarecer as dúvidas que tem sobre o tema ou assunto que está investigando.

Em primeiro lugar, é preciso, portanto, situar com precisão o seu problema ou as suas questões de pesquisa, delimitar o *locus* geográfico em que ele vai ser estudado e o período de tempo que será considerado, para então poder passar para o arrolamento de quais poderiam ser as possíveis fontes de informação que ajudariam a esclarecer a questão.

Depois, uma ampla pesquisa bibliográfica, ou **revisão da literatura**, levantando tudo o que se possa encontrar, que já tenha sido estudado, pesquisado ou escrito sobre o tema, o local e o tempo do que se pesquisa. Aqui usaremos amplamente o que se chama de fontes secundárias, ou seja, aquelas produzidas por outros pesquisadores ou estudiosos anteriores que, utilizando as fontes de que dispunham, resolveram escrever sobre o assunto. Também outra fonte importante são os **dados estatísticos** colhidos por fontes oficiais. Sabemos que, em 1872, foi feito um censo demográfico no Brasil, seguido de outros, na República, agora decenais. São úteis fontes de informação sobre a população, por sexo, cor, faixa etária, grau de escolaridade, etc.

Em seguida, estudar em profundidade este mesmo espaço e tempo que foram delimitados, fazendo uma contextualização histórica, na qual se estudará a específica questão de pesquisa. Dependendo de qual seja o problema, um estudo mais detalhado da geografia do lugar e das transformações aí ocorridas, pela intervenção humana, já pode

ajudar a esclarecer alguns pontos do problema. Aí precisaríamos certamente de um mapa detalhado do local, do assessoramento de geógrafos que nos expliquem os acidentes, a intervenção da chamada geografia humana no lugar, a urbanização, demografia, etc. Também nesta fase é importante localizar edifícios relacionados com o tema em estudo: prédios escolares atuais ou antigos, desativados ou re-ocupados presentemente por outra atividade, bibliotecas, áreas de lazer para crianças, jovens e adultos, parques, museus... Se for o caso, procurar as plantas básicas dos prédios escolares, ver se houve uma similaridade entre os prédios construídos no mesmo período, a que se deveu isto, etc.

Também o estudo da situação econômica, social e política da localidade na época já fornece a moldura em que o problema se desenvolve e pode dar outras informações. Aqui os estudos de sociólogos, economistas, cientistas políticos serão de grande valia, junto também com os dados estatísticos que existirem sobre questões econômicas, sociais e políticas do período estudado. Produção de gêneros, exportação, importação, indústrias existentes, nível de escolaridade da população, número de eleitores, participação efetivas nas eleições, distribuição das instituições escolares no espaço estudado, por nível de ensino, número de alunos matriculados e graduados em cada nível, etc.

Muito importante como fonte publicada, mas que poderá ser fonte primária se ainda não foi usada para este fim, são os jornais e as revistas editados periodicamente na região. São importante fonte de informação sobre a vida local em seus múltiplos aspectos.

Ao lado das fontes secundárias, o historiador precisa já ir buscando relacionar quais as fontes primárias, custodiadas em arquivos existentes na região, que podem servir para dar subsídios a sua pesquisa. De acordo com o tipo de problema proposto, procurar-se-ão os arquivos públicos municipais, os eclesiásticos (na matriz da paróquia, livros de registro de batismos, casamentos, missas de finados, etc), os jurídicos em algum cartório ou sede de comarca ou, ainda, os arquivos particulares de alguma irmandade religiosa, empresa ou personalidade que permita o acesso a ele. E, sobretudo os escolares.

Em Minicurso sobre Arquivos e Fontes Documentais Escolares, ministrado no IV Colóquio do Museu Pedagógico da Uesb em novembro de 2004, lembramos as **fontes documentais escolares**, produzidas e utilizadas na própria instituição escolar que se está estudando; são importantes fontes primárias de pesquisa. Podem ser procuradas:

1. Na Biblioteca: livros didáticos e para-didáticos utilizados; revistas de educação existentes; boletins, jornais ou revistas produzidos pela escola; artigos ou livros produzidos pelos professores e funcionários da casa; anuários da escola, se houver.

2. Na Secretaria da escola: 2.1 - documentos fundantes da própria instituição: lei de criação da escola, outros atos legislativos sobre a instituição, ata de instalação; estatutos, regimentos internos; atas de eleição ou designação e de posse de diretores; organograma da instituição, se houver. 2.2 - Direção da casa: planejamento anual de atividades; relatório anual da direção; relacionamento com outras instituições (convênios, contratos, etc). 2.3 - Contabilidade: receita e despesa da instituição; orçamentos anuais e plurianuais; balancetes e balanços; prestações de contas. 2.4 - Correspondência: enviada, recebida, comunicações internas, registro magnético dos e-mails, etc. 2.5 - Livros permanentes: do tomo do patrimônio da instituição; de ponto dos funcionários; de atas das reuniões; de registro das atividades (solenidades, festas, semanas culturais, seminários, etc.); De Visitantes (inspetores, autoridades educacionais, pessoas gradadas locais ou de outros estados ou países). 2.6 - Documentos de alunos: livros de matrícula e trancamento de disciplinas; ficha ou pasta de cada aluno com seus históricos escolares; cadernetas escolares. 2.7 - Documentos de professores: calendário escolar; quadro de horário dos professores; elenco de disciplinas por curso; cronograma das aulas; planos de curso e programas das disciplinas. 2.8 - Aberturas para a comunidade: utilização das instalações e recursos; atividades de extensão.

3. Na Sala dos professores (ou nos departamentos): planos de curso; diários de classe; projetos e relatórios de pesquisa; material preparado

para o ensino (cartazes, powerpoint, transparências, slides, etc); material escolar produzido pelos professores ou alunos (posters, banners, folhetos...); artigos escritos ou livros publicados pelos professores (se não estiverem na biblioteca); fotografias de atividades várias, classes, turma de professores, etc.; cartas, bilhetes, comunicações internas; convites de formatura; atas de reuniões (congregação, departamento, professores).

4. No Centro acadêmico dos alunos: dados sobre sua criação e principais atividades realizadas; regimento; atas de assembléias ou reuniões; boletins ou documentos produzidos; relação das atividades usuais ou programação para aquele ano; documentos produzidos pelos alunos.

5. Na Organização de funcionários ou departamento de pessoal: lista dos funcionários existentes; dados sobre cada um: formação, data de admissão, funções desempenhadas, etc.; atividades organizadas por funcionários; atas de suas assembléias ou reuniões; documentos produzidos por funcionários.

6. Acervo magnético – com a crescente difusão das novas tecnologias, seu barateamento e ampliação de uso, toda instituição possui hoje em dia computadores, ou mesmo laboratório de informática. Nele podemos encontrar interessantes bancos de dados à disposição de alunos, professores e funcionários da instituição ou mesmo abertos à comunidade. Podem, em sua maioria, ser acessados gratuitamente, ou mediante o pagamento de alguma contribuição, em geral utilizada para a manutenção, expansão e ampliação dos próprios bancos de dados.

Várias revistas são hoje em dia editadas exclusivamente *online* e apresentam artigos interessantíssimos; é preciso verificar de que modo se assegura a preservação da informação nelas contidas.

Algumas escolas possuem bibliotecas virtuais, para facilitar ao aluno o acesso a obras difíceis de encontrar ou caras no mercado habitual de livros.

Os cursos de pós-graduação de muitas universidades utilizam comumente grupos de estudos *online* por disciplinas, criam os chamados rascunhos digitais para produção coletiva de textos, já começam a

produzir hipertextos, etc. Desenvolvem-se aí interessantes discussões que muitas vezes ajudam a avançar nas discussões teóricas ou fornecem pistas de como operacionalizar conceitos ou aplicar a teoria a problemas específicos, desenvolver técnicas não só de coleta como também de análise e interpretação de dados para se chegar a conclusões significativas no trabalho.

Isto sem falar nos sites de professores ou de grupos de trabalho, nos blogs e mesmo em toda a produção independente que circula pelas redes virtuais, localizadas ou mundializadas, como a Internet. Com familiaridade com a navegação virtual, pode-se comunicar com o mundo e conseguir as mais variadas e ricas informações, que sejam de interesse para a pesquisa ou trabalho que se realiza.

Além dessas fontes citadas, podem-se encontrar várias outras, como material que serviu para pesquisas de professores ou mestrandos e doutorandos, como questionários feitos, entrevistas transcritas, tabelas elaboradas, quadros, etc. que se precisará devidamente organizar e aproveitar como fonte de informação.

Construindo novas fontes

Lembramos ainda que, independente das fontes existentes, o pesquisador pode ainda construir suas próprias fontes formando mesmo um acervo que poderá ser depois custodiado por alguma instituição de pesquisa ou instituição escolar e servir futuramente como fonte para outros pesquisadores. Exemplo: entrevistas realizadas – devidamente registradas e transcritas – com antigos professores, funcionários e alunos do estabelecimento escolar, visando resgatar a história vivida por diferentes participantes do processo escolar e a memória vivenciada da instituição escolar estudada.

E mais, cada entrevistado pode ainda ter escrito diários, possuir antigas agendas de compromissos, velhos cadernos de anotações de aulas, fotos de turmas, grupos de colegas, trabalhos escolares realizados, etc. que, embora não ceda sua propriedade ao pesquisador ou a instituições, pode permitir a consulta e eventual reprodução parcial ou total (neste caso o pesquisador cederia mais tarde para alguma instituição custodiadora, de modo a servir a outros estudiosos).

Também para a pesquisa, o estudioso terá que transcrever documentos, leis, regulamentos, atos variados e, ainda, organizar dados, elaborar quadros, tabelas, gráficos, cronogramas, listas de escolas, de professores, informações sobre as realizações de uma determinada direção da escola, acompanhamento da carreira de professores com nomeação, transferências, promoções até a aposentadoria, etc. que poderão depois fazer parte também de um banco de dados que seria disponibilizado a outros pesquisadores.

O pesquisador pode, por exemplo, se estuda uma determinada instituição escolar, providenciar um levantamento cartográfico, se não existir, do prédio da escola, de suas redondezas, dos diversos cômodos com diferentes destinações escolares em escala que permita a observação de mais detalhes, etc.

Também é importante um levantamento fotográfico, tanto de fotos históricas da instituição e suas atividades, quanto de sua situação atual: prédio, mobiliário, recursos vários, atividades desenvolvidas, grupos de professores, turmas de alunos, etc. e a elaboração de um banco de dados digitais com informações importantes sobre a escola ou assuntos a ela relacionados, que ainda não existam na instituição.

E, ainda, o mais importante: recorrer à História oral para levantar novos dados e para complementar os já existentes sobre o histórico e funcionamento da instituição. Fazer registro exato das entrevistas com antigos professores, funcionários e alunos e, com a transcrição dessas entrevistas, criar um acervo de História oral da instituição, para ser consultado futuramente por quantos se interessarem e para ser completado permanentemente com novos dados à medida que outros estudiosos também acrescentem seus materiais de trabalho até completarem a pesquisa que realizarem.

E não se cingir apenas às instituições escolares formais. Existem outras formas educativas em cada comunidade. As oficinas de trabalho, tanto de antigos artesãos (sapateiros, alfaiates, carpinteiros, serralheiros, latoeiros, etc.) como de fábricas que dão cursos de formação em serviço a seus empregados; as instituições religiosas que educam seus fiéis de

diferentes formas dentro do seu espaço consagrado às atividades místicas, mas em momentos distintos; as instituições de lazer e instrução coletiva, como o movimento escoteiro e sua contrapartida feminina, as bandeirantes, os grupos de jovens; as instituições ligadas a pessoas com necessidades especiais de educação: deficiência visual, auditiva, motora que, agora, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, precisam ser incluídas nas classes normais, educando assim os demais membros da sociedade a conviverem harmoniosamente com a diversidade do outro.

Considerações finais

Como em nosso país ainda é muito fraca a consciência do valor e da importância do patrimônio documental e escolar, caberá, também, ao pesquisador da História da Educação, o papel de conscientizar o secretário de Educação do município e também os diretores, funcionários e professores das várias instituições escolares sobre o valor que têm os documentos produzidos na escola, a importância da sua boa organização e conservação não só para a garantia dos direitos individuais de todos os que se relacionaram com a escola, mas também para construção de uma História da Educação naquele município.

Se não cuidarmos das fontes documentais escolares hoje, elas acabarão se perdendo e amanhã não as teremos mais, o que prejudicará grandemente o levantamento da evolução educacional local, regional e mesmo do país, pois não se conhece a história de um país apenas tendo informação sobre a capital e as principais cidades.

Se não registrarmos convenientemente as formas como os grupos religiosos, as oficinas artesanais, os movimentos para-escolares, como o escotismo e bandeirantismo, os grupos de lazer como clubes, grupos de jovens, bandas de música, times esportivos, grupos de afro e índio-descendentes, as entidades que trabalham com portadores de necessidades especiais de educação costumam desenvolver o aspecto educativo dos seus membros, dificilmente poderemos reconstruir em sua integridade a dinâmica educacional de uma determinada comunidade no futuro.

É um trabalho cotidiano de cidadania consciente, crítica, atuante e constante, mas que, felizmente, já um grande número de grupos institucionalizados de pesquisadores em História da Educação e mesmo professores interessados no assunto de algumas cidades já vêm realizando, para o bem dos futuros estudiosos da educação em nossos tempos atuais.

SOURCES FOR THE HISTORY OF EDUCATION

Abstract: The work begins showing the great development occurred with the History of Education in the past 40 years, due mainly to the researches made in the Post Graduation Courses on Education. Therefore, it is important to discuss the question of Sources for the history of Education. Some other work already written about the theme are related, and it discusses here the concept of source, historical source according to several historians and mention the classification of sources in primaries and secondaries. It deals then with the sources for the History of Education, understanding Education in the largest sense, not only the formal instruction given in school institutions. It talks specifically about the possible school document sources. But then shows how the researcher constructs his own sources related to the problem he studies, that may later be given to an institution that disposes them to other future researchers. It concludes saying that the historian of education must, during his work of research, promote among administrators, teachers and functionaries of education the conscience of the importance to preserve and organize the documentation of educational matters, so that in the future it may exist reliable sources for the history of education.

Key words: Historical sources. History of Education. School documentary sources. Construction of sources.

Referências Bibliográficas

BAUER, Wilhelm. **Introducción al estudio de la Historia**. Traduzido da 2ª edição alemã e notas por Luis G. de Valdeavellano. 3. ed. Barcelona: Bosch; Casa Editorial, 1957.

BECCHI, Egle. Entre biografias e autobiografias pedagógicas: os diários de infância. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 8, p. 125-157, jul./dez. 2004.

BERNHEIM, Ernst. **Introducción al estudio de la Historia**. Traduzido da 3ª edição alemã por Pascual Galindo Romeu. Madrid: Editorial Labor, 1937.

BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em História da Educação. In: GATTI JR., Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. (Org.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 105-116.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História** – ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 3, p. 9-26, jan./jun. 2002.

ÉTÉVÉ, Philippe; CHAMPY, Christiane (Dir.). **Dictionnaire encyclopédique de l'éducation et de la formation**. 2ª ed. Paris: Nathan, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: HG Edições, 1999.

_____. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias** – questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Univ. São Francisco, 2000. (Col. Memória da Educação).

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'Histoire**. Paris: Librairie Armand Colin, 1965.

FERNANDES, Rogério. A História e os seus registros: o que fazer com este museu? In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 131-143.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Manuais escolares e pesquisa em História. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Org.). **História e**

Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 161-188.

GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da educação em perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. Impressos operários, leitores e práticas de resistência. **Revista Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro: IEC, ano 5, n. 7, jan./jun. 2000

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – sécs. XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

HÉBRARD, Jean. As bibliotecas escolares. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história:** possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 15-104.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo; VIDAL, Diana Gonçalves. O Centro de Memória da Educação (USP): acervo documental e pesquisas em História da Educação. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história:** possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 179-186.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História:** novos objetos. Tradução de Terezinha Marinho. Revisão técnica de Gadiel Perruci. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). **Fontes, História e Historiografia da Educação.** Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba, PR: PUC-PR; Palmas, PR: UNICS; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2004. p. 179-186. (Coleção Memória da Educação).

LOPES, Sonia de Castro. Arquivos do Instituto de Educação: suporte de memória da educação nova no Distrito Federal (anos de 1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 9, p. 43-72, jan./jun. 2005.

LUCCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MARROU, H. I. **Do conhecimento histórico**. 2. ed. Tradução de Ruy Belo. Lisboa: Editorial Áster, [196-].

MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MORAIS SILVA, Antonio de. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959, 12 v.

NUNES, Antonietta de Aguiar. Valor histórico do documento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, ano 153, v. 374, p. 19-46, jan./mar. 1992.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes, In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 17-62.

PERES, Eliane. Sobre o silêncio das fontes... a trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 4, p. 75-102, jul./dez. 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil (introdução metodológica)**. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978.

SAMARAN, Charles (Dir.). **L'Histoire et ses Méthodes**. Bruges (Belgique): Gallimard, 1967. (Encyclopédie de la Pléiade, v. 11).

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário jurídico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987. 4 v.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das lecturas para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 6, p. 29-57, jul./dez. 2003.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História e conhecimento histórico**. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.

SOUSA, José Vieira de. Educação no Brasil Colônia, Império e 1ª República: os textos literários como fonte alternativa de pesquisa. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pesquisa em História da Educação**: perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições, 1999. p. 181-199.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Fontes para o estudo da Educação no Brasil – Bahia**. 2. ed. Salvador: Uneb, 2001/2002. (Coleção Memória da Educação na Bahia).

VECCHIA, Ariclê. O plano de estudos das escolas públicas elementares na província do Paraná: ler e escrever, para Deus e o Estado. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 7, p. 161-188, jan./jun. 2004.

VEIGA, Cynthia Greive. A produção da infância nas operações escriturísticas da administração da instrução elementar no séc. XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 9, p. 73-107, jan./jun. 2005.

_____; FONSECA, Thais Nívea de Lima e (Org.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VILELA, Marize Carvalho et. al. (Org.). Estudo de periódicos: possibilidades para a História da Educação Brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 401-450.

VIÑAO, Antonio. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 333-373.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 4, p. 103-122, jul./dez. 2002.